

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM COMUNIDADES POPULARES: A  
CULTURA NO PROGRAMA UNIVERSIDADE DAS QUEBRADAS**

**Autor: Lucas Leal**

**Vínculo: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (mestrando)**

**SUBTEMA: Juventude e produção cultural**

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; Cultura; Educação.

**RESUMO**

Esta pesquisa analisa ações de extensão universitária voltadas à formação de jovens produtores culturais de periferias do Rio de Janeiro, a partir da discussão sobre o projeto “Cine Buteco”, desenvolvido na favela do Preventório, em Niterói, vinculado ao Programa de extensão universitária “Universidade das Quebradas”, da UFRJ, que há 3 anos forma gestores de cultura contemporânea em favelas e periferias do Rio de Janeiro.

O “Cine Buteco” consiste em sessões de cinema em um bar da comunidade, ponto de partida para que os presentes, geralmente jovens, discutam questões do seu cotidiano. O projeto não tem o compromisso de criar espaço institucional, mas sim funcionar como alternativa, para atual rede fluida de participação de jovens de comunidades populares, que têm poucos equipamentos públicos (como praças seguras, por exemplo) ou culturais (bibliotecas, museus, teatros). Neste caso, o cinema associa-se com a metodologia dos “círculos de cultura”, criada por Paulo Freire na década de 1960, ou seja, funciona como espaço para debate, reflexão e conscientização, buscando a troca de conhecimentos e a transformação social.

Compreendendo a pesquisa dentro da ideia de cultura na educação, atualizamos o debate teórico para pensar quais os efeitos que seu maior acesso tem na trajetória educacional. No século 21, as demandas da juventude integram a luta por direitos culturais – de acesso e produção – aos direitos clássicos: civis, políticos e sociais. À luz do caso analisado, aborda-se a cultura como recurso econômico (YÚDICE, 2006), a força da cultura digital (BUARQUE DE HOLLANDA, 2002), a animação cultural e o uso do cinema (MELO, 2002; 2004; 2006).

O Plano Nacional de Extensão Universitária busca apontar o papel da Universidade na interlocução com a Sociedade, a partir da troca não-hierarquizada de saberes, baseada na compreensão de que todos (indivíduos e grupos) produzem cultura e conhecimento sobre o mundo e que, portanto, saberes eruditos e populares podem e

devem dialogar. Embora essa perspectiva busque orientar as ações da extensão universitária, a prática demonstra que sua efetivação encontra desafios de toda ordem, desde questões simbólicas, ligadas às relações de poder que se reproduzem na relação da Universidade com os grupos populares, até as problemáticas na implantação e permanência de projetos em “territórios”, como as favelas – onde incidem relações de vários atores sociais; agências governamentais e não governamentais. Processo que vem fundamentando afirmativas de que as intervenções para a juventude frequentemente são fragmentadas e descontínuas (RUA, 1998).

Esta pesquisa recebe financiamento da CAPES-DS nível mestrado. A coleta de dados foi feita por meio de observação participante; entrevistas individuais em profundidade e grupos focais filmados (BAUER e GASKELL, 2007). No grupo focal com oito jovens, discutiram-se questões como o papel da periferia como produtora de cultura e arte; a proposta pedagógica da *Universidade das Quebradas* e os desafios à continuidade das ações nas comunidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste artigo quer-se compreender aspectos da extensão universitária<sup>1</sup> – sobretudo a partir do estudo de caso feito no projeto Universidade *das Quebradas* (UQ), da UFRJ. A partir dele, a pesquisa tomou como fundamental investigar novas demandas e reivindicações da educação de jovens e adultos, cada vez mais jovens, em paralelo com a educação popular. Por tal aspecto, construiu-se o texto com vista na pedagogia dos “círculos de cultura”, compreendendo as transformações da ideia de cultura na educação.

A pesquisa busca entender os temas levantados; como por exemplo, acesso e permanência na universidade pública – seja em curso regular – ou como no caso do UQ, através de curso de extensão. Como jovens e adultos de periferias constroem essas novas perspectivas para função da Universidade em relação a sua formação e relação com a Sociedade em geral? Isto porque, buscam-se colocações para estabelecer análises

---

“O reconhecimento legal dessa atividade acadêmica, sua inclusão na Constituição e a organização do Fórum de Pró-Reitores de Extensão, no fim da década de 1980, deram à comunidade acadêmica as condições e o lugar para uma conceituação precisa da extensão universitária, assim expressa no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão: A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.” - O Plano Nacional de Extensão Universitária – Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>

com perspectivas do Plano Nacional de Extensão Universitária – concepções das proposições do documento que regulamenta e institucionaliza projetos de extensão universitária em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas.

As principais colocações tomam como base a pesquisa de mestrado, e, se relacionam observações, entrevistas, relatos e relatórios, através da observação participante. Buscou-se com isso compreender o plano micro da discussão de políticas públicas (culturais) e ações da extensão universitária para comunidades ou pessoas de origem popular. Para este objetivo optou-se trazer também análises mais específicas com base em um sub-projeto, o “Cine de Buteco”. Este surgiu a partir da participação de duas *quebradeiras*<sup>2</sup> na extensão universitária, no UQ, que trabalha cultura contemporânea com jovens e adultos de comunidades populares do Estado do Rio de Janeiro.

Dentro do UQ, focou-se na ideia de cinema como instrumento artístico-cultural associado com o momento histórico de desenvolvimento técnico-tecnológico cada vez mais inclinado para uma cultura digital, informatizada, interativa. Concordou-se com ideias citadas por LEITE (2005) sobre o quadro de Martín-Barbero:



O quadro acima foi confrontando para compreender o “Cine de Buteco” – estudo de caso de prática mídia educativa a partir do projeto de extensão universitária *Universidade das quebradas*. As análises foram trazidas a partir de um olhar subjetivo sobre as questões, associadas como dito, com os “círculos de cultura”.

A *institucionalidade* tanto do projeto, como do sub-projeto, estão de acordo com a demanda de novas *matrizes culturais*, que acompanham as mudanças na *lógica de produção* (seja do público alvo; seja da estética trabalhada nas obras). Estas apontam

<sup>2</sup> Os educandos/educadores são (re)conhecidos e se identificam como *quebradeiros e quebradeiras* (como também os educandos/educadores visam esta identificação).

para *tecnicidade* cinematográfica como forte mecanismo para o surgimento de *formatos industriais* que necessitam de *competências de recepção* (o cinema possui hoje amplas formas). Ou seja, ao disponibilizar encontros periódicos, em “círculos de cultura”, a comunicação, através da ideia de cultura na educação serve para debates acerca de questões políticas, mas também, histórico-artísticas.

Utilizando processo metodológico de ensino-aprendizagem através da *ritualidade*, que consiste neste fluxo de encontros de público direcionado para assistir e debater obras cinematográficas, as proponentes disponibilizam espaço educacional para desenvolvimento da *socialidade*. Apesar de o local ser um bar da comunidade popular localizado no Morro do Preventório, Niterói-RJ, a principal justificativa das proponentes foi:

*“Entre uma cervejinha e outra, em ambiente descontraído, é mais fácil atrair jovens e adultos, principalmente essa juventude que nasceu neste novo período de tecnologias mais acessíveis. Com o cinema digital, sem cobrar entrada, podemos convocar a comunidade para um encontro onde todos podem opinar, e foi assim que percebemos ser possível discutir problemáticas da própria comunidade relacionando-as com os temas levantados pelos filmes”<sup>3</sup>.*

Como esta pesquisa se dedicou em entender a extensão universitária, buscaram-se respostas nos documentos que regulamentam suas ações. Cita-se O Plano Nacional de extensão como principal documento, regulamentado a partir de uma decisão da Secretaria de Educação Superior - Ministério da Educação (MEC):

A SESu cria a Comissão de Extensão Universitária, com o objetivo de elaborar programas específicos que definam princípios, diretrizes e formas de fomento à extensão nas IES. (Portaria n. 66 SESu/MEC, de abril de 1993. Referência: 01 Capítulo 01\_Institucionalização.int. p. 13)

Após esta regulamentação, os pró-reitores de extensão, através da FORPROEX<sup>4</sup>, tomam como base o principal discurso da extensão universitária das IES públicas – o

<sup>3</sup> Ana Paula em entrevista, dezembro de 2011. Agora em 2012 o “Cine de Buteco” também vem se expandido, sendo utilizado como projeto itinerante, de acordo com convites e projetos sociais que vão surgindo para a equipe. Este fator faz do sub-projeto uma ideia mídia educativa institucionalizada, porém, não em espaço formal, nem fixo.

<sup>4</sup> Art. 1º - o fórum de pró-reitores de extensão das instituições públicas de educação superior brasileiras (FORPROEX) é uma entidade voltada para a articulação e definição de políticas acadêmicas de extensão, comprometido com a transformação social para o pleno exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia. (regimento fórum de pró-reitores de extensão das instituições públicas de educação superior brasileiras - da caracterização - forproex – aprovado em 26/11/2010, UFABC) – disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/regimento-forproex-aprovado-26nov2010.pdf>

princípio que visa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira. Segundo SANTOS<sup>5</sup>:

O Artigo 207 da constituição da República Federativa do Brasil dispõe que as Universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988); tendo a educação superior por finalidade, conforme preescreve o Artigo 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei federal nº 9.394/96, incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica (inciso III), comunicar o saber através do ensino (inciso IV) e promover a extensão aberta à participação da população (inciso VII) (BRASIL, 1996). (p.12)

Os pontos tratados nos documentos citados são as proposições que fundamentam as transformações na espera da educação pública brasileira. O debate diz respeito tanto à formação acadêmica docente e discente no século XXI, como servem de base para debates extensos sobre a função da Universidade na sociedade atual. Essas discussões se apresentam cada vez mais como necessárias para melhoria progressiva de políticas públicas educacionais.

Com base no exposto, apresentaremos aspectos relevantes encontrados na pesquisa de campo. Esta parte da pesquisa articula concepções sobre os “temas geradores” (FREIRE 2005c). Estes são trabalhados através da escolha de filmes no sub-projeto “Cine de Buteco”, que apresenta o cinema (digital) como elemento chave para discutir formas de acesso a cultura contemporânea na educação.

A temática da violência apresenta, no caso de comunidades populares (favelas) do Rio de Janeiro, principalmente por valores que foram transmitidos pela cultura midiática de massa, a problemática do tráfico de drogas. Mas, como revelou Ana Paula (quando indagada sobre como trabalhar violência com jovens de comunidades populares) durante entrevista:

*“Também precisamos explicitar que os caminhos estão sujeito às mudanças devido ao caráter democrático da proposta, tanto por acreditarmos na subjetividade/relatividade das interpretações, quanto por percebermos que a ‘violência’ de um não quer dizer que seja necessariamente a mesma ‘violência’ para outros, para nós...”*<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Em artigo da sexta edição da revista Conexões UEPG, *Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário*. Disponível em: <http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao06/1.pdf> (IN\_ Revista Extensão universitária: compromisso social – Disponível em: <http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao06/index.htm>)

<sup>6</sup> Apesar de acreditar que o tráfico tem diminuído nas comunidades populares do Estado, o primeiro filme exibido no projeto foi *Cidade de Deus* (2002) – com presença do principal ator da película premiada e reconhecida mundialmente, Leandro Firmino, também *quebradeiro* – participante também do grupo focal desta pesquisa.

Para SILVA (2009), favela é<sup>7</sup>:

(...) um território constituinte da cidade, caracteriza, em parte ou em sua totalidade, pelas seguintes referências: insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços; forte estigmatização sócio-espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade; Edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado; Apropriação social do território com uso predominantemente para fins de moradia; ocupação marcada pela alta densidade de habitações; indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade; níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho; taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade; ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental; alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira; Grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade; Alta incidência de situações de violência, sobretudo a letal, acima da média da cidade; Relações de vizinhança marcada por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de convivência. (p.22,23)

A complexidade de uma favela (comunidade popular) se associa com essas instâncias de dificuldades em seu funcionamento, no que diz respeito desde a infraestrutura de suas moradias, até as problemáticas sociais. Segundo aponta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados durante o Censo de 2010<sup>8</sup>, aproximadamente 11,4 milhões de pessoas<sup>9</sup> (6% da população)<sup>10</sup> vivem em "aglomerados subnormais"<sup>11</sup>. O governo define essas áreas do país como 'ocupação

<sup>7</sup> Ver *O que é favela afinal?* (Observatório de Favelas, Jailson de Souza e Silva (ORG.))

<sup>8</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>

<sup>9</sup> Mais de 11 milhões de brasileiros vivem em favelas – ver: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/mais-de-11-milhoes-de-brasileiros-vivem-em-favelas>

<sup>10</sup> 6% dos brasileiros vivem em favelas e similares, diz IBGE – ver: <https://admin.exame.abril.com.br/economia/brasil/noticias/6-dos-brasileiros-vivem-em-favelas-e-similares-diz-ibge>

<sup>11</sup> O conceito de "aglomerado subnormal" foi usado pela primeira vez no Censo Demográfico de 1991. Ele trabalha em nível de generalização, para compreender a diversidade de assentamentos irregulares existentes no país, por vezes chamados de 'invasões de propriedades', 'cavernas', 'vales', 'comunidades

irregular’ com mais de 50 habitantes e com falta de serviços públicos e de urbanização. O IBGE identificou 6.329 favelas em todo o país, localizadas em 323 dos 5.565 municípios brasileiros – destaca-se ainda, a presença de favelas e habitações ou “ocupações irregulares” em todos os estados do país.

Compreender a especificidade de cada favela se faz necessário para abordar o tema conforme os sujeitos envolvidos estão dispostos ‘culturalmente’ à temática. Assim, o primeiro passo sempre deve ser o de investigar as formas de violências que os jovens e adultos da comunidade consideram como pertinentes para debater em coletivo (através de um tema gerador, que surge sempre a partir de um filme no caso do sub-projeto “Cine de Buteco”). As cinematografias pensadas neste projeto são, portanto, instrumentos ou fonte para ‘temas geradores’, no intuito de fornecer conteúdo para surgimento dos debates. A proposta pretende conscientizar principalmente a juventude em relação às principais formas de violências encontradas na localidade, e, em geral, essas se associam com a grande desigualdade social dos moradores de favelas em relação à conjuntura da cidade.

Esses primeiros passos estão fundamentados na busca da construção de caminhos para os direitos humanos, através de projeto educativo que prioriza a ideia emancipatória dos sujeitos envolvidos, dando-lhes suporte para se compreenderem como cidadãos de direitos (e conseqüentemente, de deveres). Alertando-se sobre as disparidades dos valores econômicos acredita-se que opressões políticas não podem intervir nas buscas dos oprimidos se libertarem socialmente, pois estes, através da criticidade, possuem armas suficientes para transformação real de suas realidades (FREIRE, 2005C). Com isso, o cinema atua como elemento educativo, com ligação direta com as artes, na proposição de que elas ajudam no caminho prático da conscientização política através da força e valorização da *socialidade* em ambientes repletos de históricas opressões e diversas formas de violências, como as favelas.

O debate bibliográfico sobre ‘novas tecnologias’ na educação, dentro da presente pesquisa, está se direcionando ao desenvolvimento cultural de uma educação sociocomunitária. O projeto observado, que ainda é se apresenta como experimental, apresenta forte potencial para ser uma alternativa de buscar a conscientização dos oprimidos. As estratégias de ação se apropriam dos valores técnico-tecnológicos da contemporaneidade e agem através de uma nova perspectiva em relação ao acesso desta

tecnologia, buscando o exercício da ‘fala’ e da ‘escuta’. A proposta é estar sempre ampliando a comunicabilidade dos envolvidos – com vista em sua maior participação cidadã (que implica atitude política consciente).

Há várias formas de acesso da cultura contemporânea pela Extensão Universitária, e analisando as proposições do PNEU, percebe-se que ele visa troca não-hierarquizada de saberes. O documento toma como base a compreensão de que todos (indivíduos e grupos) são produtores de cultura e conhecimento sobre o mundo. Neste sentido, os saberes eruditos e populares podem e devem dialogar.

Embora essa perspectiva busque orientar as ações da extensão universitária, a prática demonstra que sua efetivação encontra desafios de toda ordem. Aponta-se para questões simbólicas, ligadas às relações de poder que se reproduzem na relação da Universidade com os grupos populares, até as problemáticas na implantação e permanência de projetos em territórios – como as favelas – onde incidem relações de vários atores sociais; agências governamentais e não governamentais; ocasionando intervenções para a juventude frequentemente fragmentadas e descontínuas (RUA, 1998). No projeto investigado, percebeu-se esta relação tênue entre acadêmicos e populares, e, para solucionar isto, as proponentes do UQ afirmam sempre estar na constante transformação de suas ações, pela própria “incompletude de atividades educativas”.

Inicialmente a pesquisa também se associa com investigação a respeito da cultura na educação com pessoas jovens e adultas. Mas, ao entrar no campo de investigação observa-se, que o campo de políticas públicas (culturais) direciona hoje grande atenção para as juventudes. Os projetos para jovens e adultos estão cada vez mais frequentados por jovens, e, o projeto selecionado, representa reivindicação atual para esta etapa educacional. Ou seja, o UQ é preenchido principalmente por jovens que por diversos motivos ainda não tiveram acesso, não concluíram, ou não buscaram a Universidade em curso regular. O projeto objetiva:

Promover a produção de conhecimento, a criação de ações estimuladas pelo encontro e pelo diálogo entre a comunidade acadêmica da UFRJ e os produtores de cultura e artistas residentes na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, a *Universidade das Quebradas* quer instituir-se como um ambiente, um espaço de troca e de diálogo entre os vários saberes que compõem a textura da cultura do Rio de Janeiro, potencializando a produção de conhecimento e a criação artística nos vários segmentos sociais da cidade.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Relatório final do projeto UQ – Buarque de Hollanda, disponível no site do PACC.

Dentro da perspectiva de projetos de extensão universitária, a escolha do projeto em questão se fez é claro, a partir de interesses pessoais que dialogam com a proposta do UQ. Primeiramente pelo projeto desenvolver atividades a partir dos Estudos Culturais, e, por estar aberto às temáticas da arte como elemento fundamental para discussão da produção de “cultura periférica”. Em segundo, por, perceber uma crescente em propostas educativas que se associam com novas tecnologias. A plataforma Digital e a ideia de “cultura periférica” dentro de um círculo de debates se enquadram dentro do campo que investiga novas formas de desenvolvimento acadêmico em articulação com reivindicações “mais antigas” do campo da educação popular e de movimentos sociais.

Ressalta-se ainda, que essa nova demanda de projetos para juventude, também faz parte da nova proposta para educação, aonde se percebe que, com maior acesso a escolaridade, a violência tende a diminuir. Primeiro porque fica mais fácil inserção no mercado de trabalho, e, conseqüentemente afasta a juventude da necessidade de outras formas para sobrevivência. Claro que projetos para juventude também esbarram na problemática da fluidez (Rua, 1998) que também está muito associada com a falta de estrutura das instituições proponentes. Por tal proposição se percebe um diferencial na proposta do UQ, por estar vinculado com uma importante Universidade do país – UFRJ; ao Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC - pós-doutorado); além de ser proposta de extensão universitária, ou seja, buscando aproximação da academia com a sociedade em geral, sobretudo, convidando sujeitos oriundos de comunidades populares para formação em curso de extensão.

Por essas especificidades, apesar do seu pouco tempo de existência o programa já vem colhendo alguns resultados importantes<sup>13</sup>. Outros resultados não podem ser medidos por ‘notícias’ ou ‘dados concretos’, são sentimentos que somente dentro do grupo focal e nas entrevistas individuais são constatados<sup>14</sup>.

No “livro das juventudes sul-americanas” (2010), ao conceituar a juventude brasileira, apresentando-a para os ‘países vizinhos’, os autores afirmam que “as

---

<sup>13</sup> “Quebradeira Jussara mostra seu trabalho na Itália. *por PACC em jan 31, 2012 • 15:11 / publicado em Agenda Quebradas / Universidade das Quebradas* – “O talento artístico de Jussara Santos vai desembarcar em terras estrangeiras. O convite feito pelo Prof. Gian Luigi de Rosa irá levar a exposição *Fé na Paisagem* à Lecce, na Itália, a partir do dia 13 de fevereiro e terá curadoria de Claudia Moog. “Respiro e amo arte. Esta é uma oportunidade importantíssima, tanto para o lado artístico, quanto para o emocional. Tudo que fiz hoje nas artes foi sem ver a parte da história do mundo velho”, diz a Quebradeira.” Disponível em: <http://www.pacc.ufrj.br/quebradeira-jussara-mostra-seu-trabalho-na-italia/> Há também outros exemplos de *quebradeiros* ganhando destaque no cenário artístico-cultural.

<sup>14</sup> Mesmo quando alguns afirmaram que esperavam mais, em termos de financiamento para seus projetos individuais, o saldo, em geral, foi de positividade em relação à participação pessoal e coletiva na turma de 2011, onde o estudo desta pesquisa foi mais detalhado.

diferenças de renda e socioeconômicas interferem profundamente na condição educacional, tanto na possibilidade de se manter como estudante como no grau de escolaridade alcançada.” (p. 16). Além do aspecto da desigualdade social, eles levantam dois outros pontos percebidos dentro do projeto *Universidade das Quebradas*.

O primeiro é a influência da localidade domiciliar na escolaridade, tanto quem é de meio rural (em geral menor) ou urbano, quanto quem é de periferia urbana, geralmente menor em relação a quem não é. O segundo, foi em relação à juventude negra, em geral, com menor escolaridade, como afirmam também os autores sobre a juventude latina americana.

O projeto de extensão UQ abriu um leque de questões para pesquisa. Foram aspectos que antes da ida ao campo ainda não tinham surgido; destaca-se a questão da participação dos negros, mulatos e pardos. Vale ainda apontar que, eles em geral são de origem de periferia (segundo aspecto tratado como problemática para o desenvolvimento educacional da juventude brasileira). Ou seja, constatou-se que, projetos que visam inserção social, desenvolvidos pensando na diminuição das desigualdades, são em geral ocupados por jovens de origem étnica negra, de periferias, favelas e comunidades populares.

No UQ durante o processo de seleção dos “quebradeiros” não há direcionamento para selecionar negros. Não aparece como uma condição para frequentar as aulas, mas, no entanto, a maioria tem essa origem. Este fato aproxima de uma ideia histórica sobre as desigualdades sociais no Brasil, com origem desde nossa colonização com fins exploratórios, e que em seu apogeu, tinha suas atividades com base principalmente na mão-de-obra escrava de negros. Estes após a abolição com a Lei Áurea de 13 de maio de 1888 necessitaram e ainda necessitam de diversas batalhas político-sociais. Por isso que, reafirma-se a importância da participação pública de organizações e movimentos da sociedade civil em relação ao financiamento público e na discussão das políticas públicas culturais<sup>15</sup>. É uma vitória marcante dos movimentos sociais, sobretudo do movimento negro.

No entanto, os projetos de extensão universitária não podem ser políticas públicas milagrosas. No documento que regulamenta a extensão (PNEU), afirma-se que:

É importante ressaltar que a intervenção na realidade não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado, mas sim produzir saberes, tanto científicos e tecnológicos quanto artísticos

---

<sup>15</sup> Com base nos pontos de cultura e o programa cultura viva entre 2003 - 2012. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/acesso-a-informacao/programas-e-acoas/cultura-viva/pontos-de-cultura-2/>

e filosóficos, tornando-os acessíveis à população, ou seja: a compreensão da natureza pública da universidade se confirma na proporção em que diferentes setores da população brasileira usufruam os resultados produzidos pela atividade acadêmica, o que não significa ter que, necessariamente, frequentar seus cursos regulares. (p. 4)

A partir desta proposição estaremos resgatando observações que foram possíveis de articular no texto dissertativo. Os resultados que se apresentam no final do artigo estão em processo de observação, entretanto, este texto serve como exercício de revisão teórico-metodológica. Os dados apresentados são parte fundamental para a pesquisa completa, mas necessitou de cuidado bibliográfico específico para o artigo, em relação ao amplo referencial teórico utilizado na dissertação.

Partindo da ideia dos “círculos de cultura”, propõem-se atualizações teórico-metodológicas que visam melhor compreender o(s) projeto(s) observado(s); *Os Estudos Culturais, a cultura digital e a animação cultural: algumas respostas?*

No artigo *A animação cultural, os estudos do lazer e os estudos culturais: diálogos* – Buarque de Hollanda afirma que:

(...) por se apresentarem de maneira distinta à forma tradicional de organização do conhecimento no âmbito acadêmico, ambas sofrem com uma imprecisão quanto a seu espaço e tem que travar verdadeiras “batalhas campais” (fazendo uso de uma expressão de Beatriz Resende) para serem reconhecidas, respeitadas e legitimadas no mundo universitário. Isto pode mesmo significar uma fértil provocação para que repensemos o campo científico, um processo obviamente eivado de resistências, tensões e mesmo perseguições, mais ou menos explícitas. (p.10)

A autora continua seu pensamento e diz que:

Aliás, outra (feliz) coincidência é que ambas se apresentam como “Estudos”. Sobre esse aspecto, se posiciona Beatriz Resende (2002): A primeira coisa que me agrada nos Estudos Culturais é apresentarem-se como estudos. “Instala-se, imediatamente, uma provisoriedade, uma abertura, que me parece indispensável em um momento de questionamentos, de necessariamente assumirmos as dúvidas que vivemos diante do século que se inicia (p.11).”

Durante a pesquisa de campo houve contato com o PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea)<sup>16</sup>; e, através de algumas leituras, captou-se a perspectiva do projeto *Universidade das Quebradas*<sup>17</sup>. O primeiro contato, virtual, através de pesquisa no site, forneceu textos e explicações sobre o programa – que deu origem ao UQ. A

<sup>16</sup> <http://www.pacc.ufrj.br/>

<sup>17</sup> <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>

partir disto foi preciso estabelecer relação interpessoal, mesmo que entre pesquisador – pesquisadores; no intuito de conhecer melhor na prática o projeto *Universidade das Quebradas* – o que possibilitou aproximação com as coordenadoras Heloisa Buarque de Hollanda, Numa Ciro e Beatriz Meira. Inicialmente elas indicaram a necessidade de compreensão sobre o debate da cultura digital, que se encontram também no blog sobre zona digital<sup>18</sup> (coordenado pelo PACC).

Este foi um primeiro caminho adotado para compreender melhor algumas considerações sobre cultura na contemporaneidade e suas múltiplas linguagens. Conforme os Estudos Culturais, as linguagens que implicam, segundo aponta as pesquisas do PACC, aspectos da plataforma digital, estão associados diretamente com as ideias sobre o desenvolvimento tecnológico – mais especificamente a zona virtual, as redes sociais pela internet, e claro, a apropriação desses “territórios” a serviço de uma educação cidadã (CURY, 2002). Para a pesquisa em questão, este foi um ponto importante, porque até encontrar os Estudos Culturais o referencial teórico-metodológico para as inquietações (as perguntas) do que se pretendia dissertar ainda eram insuficientes para o que se observava.

Outro encontro acadêmico importante para dissertação foi o contato com Victor de Andrade Melo<sup>19</sup> – que através dos seus textos – grande parte, disponíveis virtualmente, forneceu fundamentação para compreender aspectos tanto no UQ como no “Cine de Buteco”. O autor diz que:

A Animação Cultural já tem uma longa trajetória no cenário europeu (notadamente França, Espanha, Portugal e Suíça), ainda que só recentemente tenha melhor se estruturado no âmbito científico, com o surgimento de eventos internacionais (como os três colóquios internacionais de Bordeaux, São Paulo e Lucerne; o congresso ibero-americano de Salamanca e as jornadas portuguesas de Chaves), periódicos (como "Animador Sociocultural: Revista Ibero-Americana" e "Quaderns d'Animación i Educació Social") e redes de relacionamento de pesquisadores (como a Rede Iberoamericana e a Rede Internacional). No Brasil, a despeito de algumas iniciativas esporádicas, é mesmo nos primeiros anos do século XXI que começa a se tornar mais visível e estruturada<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/>

<sup>19</sup> Pesquisador que desenvolve suas principais atividades acadêmicas dentro do Grupo de Pesquisa ANIMA (UFRJ) – ver: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/docs/apresenta.html>

<sup>20</sup> Parte da Ementa da disciplina Fundamentos da animação cultural, do curso de mestrado em lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, escola de educação física.

Tanto os Estudos Culturais<sup>21</sup>, dentro de uma perspectiva adotada por Buarque de Hollanda (com a ideia de cultura digital), quanto à visão de Victor Melo sobre a animação cultural, estão associados às ideias de Martín-Barbero – que trata sobre o tema a respeito de práticas mídias-educativas<sup>22</sup> (o autor defende iniciativas do setor comunitário, para que se tente uma interlocução com o Estado e se invista na formação dos jovens, no que chama de uma "segunda alfabetização")<sup>23</sup>.

Após este contato teórico-epistemológico de um novo paradigma científico, acadêmico, compreenderam-se aspectos importantes para o seguimento da pesquisa – dando, dentro destas perspectivas, melhores contornos para ideia inicial da dissertação de mestrado em educação, cultura e linguagens. Pontua-se que a dissertação elucida questões da educação de pessoas jovens e adultas como também a educação popular – etapas educacionais onde se encontram, até o momento, ligações históricas com concepções de Paulo Freire. Como consequência, traçam-se conceituações históricas que podem se definir como sendo ideias da cultura na educação a partir dos “círculos de cultura” até a ideia de “animação cultural” e “cultura digital”.

Este debate atual, sobre cultura contemporânea, permitiu menos abandonos, e mais escolhas. Ao perceber que Heloisa Buarque (Numa Ciro e Beatriz Meira) trabalha(m) na perspectiva da tecnologia em comunidades populares (formas de acessos, difusão dos meios tecnológicos digitais; e conceituação, inclusive estética), foi possível chegar ao trabalho de Maria Alice Rezende de Carvalho<sup>24</sup>. O texto *Gramsci e o Brasil*, fala sobre o fim da remoção das favelas no Rio de Janeiro, a partir da década de 1970. Nele percebe-se claramente a relação dos ricos com os pobres, em “uma verdadeira disputa territorial”. No texto a autora trabalha com o conceito de "cidade partida", com uma "nova pauta urbana" da cidade, ou seja, a organização e a mobilização da sociedade em diferentes direções<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> Para entender melhor algumas definições dos Estudos Culturais é possível acessar a Bibliografia temática do Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ. Esta Bibliografia disponibilizada é específica das áreas de comunicação e política, e está organizada por temas, tais como: cenário político e mídia, jornalismo político, imagem pública ou social, imaginário político, mito político e representações da política, hegemonia e ideologia, etc. Reúne desde referências clássicas até textos mais recentes, teóricos e empíricos – <http://doxa.iuperj.br/bibliografia.htm> Contato: doxa@iuperj.br

<sup>22</sup> Ver quadro do autor sobre práticas mídias-educativas no início do artigo.

<sup>23</sup> <http://commposite.uqam.ca/vidaez/docs/jemaes.html> - Texto da entrevista concedida pelo autor, em espanhol, e disponibilizado junto com outros textos discutidos durante a conferência virtual: El Derecho a Comunicar y La Comunicación de los Derechos.

<sup>24</sup> <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv149.htm>

<sup>25</sup> Como por exemplo: os shoppings e as Universidades nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Pelas escolhas teóricas adotadas, optou-se por relacionar autores como Victor Melo, que debate o cinema, junto com animação cultural, em uma perspectiva de lazer, estritamente associado aos esportes, e mais especificamente o futebol; com Heloisa Buarque de Hollanda no seu texto *Cidades, de 1997*. Neste trabalho (realizado em 1993 e publicado em 1997) Buarque de Hollanda relaciona a área de Ciências Humanas, partindo do embate entre o imaginário político e social do cinema novo e a cultura de consumo dos anos 90 para discorrer sobre o espaço urbano enquanto “arena cultural”. Abrangendo assuntos tais como produção cultural e as transformações político-sociais, o documento da autora analisa desde os discursos de Jameson às experiências de Aderbal Freire Filho e seu Centro de Demolição e Construção do Espetáculo.

Os dois autores constroem seus textos dando ênfase à importância do cinema como agitador. Para Melo o cinema atua na perspectiva de animador cultural, para Buarque de Hollanda, como agente político dentro de uma plataforma digital. O primeiro percebe no cinema uma “pitada” de relação com uma paixão da massa, o futebol, o outro, com uma parcela importante do contexto social (que passa por amplas problemáticas), a política. Mas, na perspectiva desta pesquisa, ambos estão utilizando propostas freirianas para o trabalho educativo com as imagens, ou seja, eles pensam na ampliação da visão de mundo dos educandos através de recursos do audiovisual<sup>26</sup>.

É preciso ainda, nas comparações, pontuar a existência de uma confluência, nestes dois últimos autores citados, com as ideias de George Yúdice. Em seu livro *A Conveniência da Cultura. Usos da Cultura na Era Global* (2004) há uma conceituação crucial para esta afirmativa, sobretudo quando o autor afirma sobre uso da cultura “está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica” (p. 25). A ideia do cinema como agitador, ou agente político, neste sentido, tem ligação não somente com a questão técnica-tecnológica e histórica do momento, mas também possui forte associação com o sistema econômico. Estes aspectos envolvem complexidade que vão além do espaço escolar, ganhando configurações atuais dentro de programas e projetos, sendo cada vez mais adotados para demandas das pessoas jovens e adultas em processo de “juvenização” (RIBEIRO, 2010).

---

<sup>26</sup>Helôisa Buarque tem ido além, está buscando propostas e conceituações para o campo digital, o que a leva diretamente a uma pedagogia virtualizada, ou seja, com acesso interativo na internet.

Em relação ao campo prático de pesquisa, optou-se fazer estudo “híbrido”. Esta escolha surgiu ao entrevistar a *quebradeira* Ana Paula<sup>27</sup> para o trabalho. A *quebradeira* em questão é oriunda de projeto para juventude, e foi parte integrante de outra pesquisadora de mestrado (LEITE 2005). Agora ela mesma está se tornando pesquisadora acadêmica – no mestrado na UERJ<sup>28</sup>.

Este artigo revela possibilidades encontradas durante a pesquisa, elabora de maneira híbrida tanto na abordagem epistemológica, como por ampliação interdisciplinar dos teóricos que fundamentam as questões. Mas enquadra-se, sobretudo, em uma concepção contemporânea dos Estudos Culturais, que se apropria da utilização de técnicas outrora estritas das ciências sociais, da antropologia, da História social e da Memória Social. Acredita-se que esta metodologia permitirá na análise de determinado projeto de extensão universitária como perspectiva macro, compreender instâncias de políticas públicas para educação (cultura e arte).

A pretensão ao concluir a pesquisa, prevista para fevereiro de 2013, é de apontar impactos dos projetos e/ou programas na vida pessoal e social de determinado(s) sujeito(s) – o que faz necessário estudo etnográfico – com um pouco de resgate de memória social – percebendo que a vida de Ana Paula é rica em elementos “sincréticos”. O projeto *Universidade das Quebradas* é novo, vai para seu terceiro ano, mas, possui institucionalização bastante consistente, porém, está em constante reformulação para encontrar melhores caminhos.

## **REFERÊNCIAS:**

### **PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - Coleção Extensão Universitária - FORPROEX, todos os volumes.**

ANDRADE, Eliane Ribeiro; PAIVA, Jane. **Políticas públicas de direito à educação de jovens e adultos no RJ: estudos da região metropolitana.**

<sup>27</sup>Principalmente a ideia de, a partir de sua história de vida, em relação com sua atual condição de *quebradeira*, entender um pouco as possibilidades das políticas públicas para cultura na educação. Durante a entrevista, compreenderam-se questões do cinema, pois o projeto “Cine de Buteco”, projeto desenvolvido por ela juntamente com Letícia Freitas, a partir das vivências dentro do UQ – forneceu o entendimento de que o cinema, dentro da plataforma digital, na perspectiva de ser além de ‘tema gerador’; visto como “instrumento de mobilização social” – entre uma “cervejinha” e outra, no bar da comunidade – está atuando, portanto, como elemento de *sociedade* para a atual rede de participação política de jovens e adultos de comunidades populares.

<sup>28</sup> Ana Paula se formou em jornalismo e atualmente faz Mestrado em educação, cultura e comunicação em periferias urbanas – tratando do tema da Educação e Direito Cultural em periferias com sua pesquisa sobre Ações do Terceiro Setor.

- BAUER, M.W.; GASKELL, G; ALLUM, Nicholas, C. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Direito à Educação: direito à igualdade, direito à diferença**. In: **cadernos de pesquisa**. n. 116, p. 252-262, julh 2002.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: **Revista brasileira de Educação**. set/out/nov/dez. nº24, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005c.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **A contribuição dos Estudos Culturais para pensar a Animação Cultural**. *Licere*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.101-112, 2004.
- \_\_\_\_\_. (org.). **Cultura e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2004.
- LEITE, Camila Rodrigues; DUARTE, Rosália. **O Grupo “Nós na Fita” – análises de uma prática mídia-educativa protagonizada por jovens moradores do Morro do Preventório**. RJ, 2005. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, PUC-RJ.
- MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Educação estética e animação cultural**. *Licere*, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.101-112, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural**. *Licere*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.82-92, 2004.
- NOVAES, Regina. **Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. *Revista Sociologia Especial- Ciência e Vida*. São Paulo, out. 2007.
- RUA, M. G. . **Análise de Política Públicas: Conceitos Básicos**. In: Maria das Graças Rua; Maria Carvalho. (Org.). *O Estudo da Política: Tópicos Seleccionados*. Brasília: Paralelo 15, 1998.
- SILVA, Jailson de Souza e (ORG.). **O que é favela, afinal?/** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.
- SPOSITO, Marília Pontes, CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.24, p. 16-39. ISSN 1413-2478.
- YÚDICE, George. **A Conveniência da Cultura. Usos da Cultura na Era Global**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.